

Entre o bem e o mal: O mal-estar na obra *O médico e o monstro*.

Francina Evaristo de Sousaⁱ

Entre o bem e o mal: O mal-estar na obra *O médico e o monstro*.

Este trabalho pretende fazer uma aproximação entre psicanálise e literatura, através de considerações acerca da obra *O médico e o monstro*ⁱⁱ de R.L. Stevenson, de 1886 e a obra *O mal-estar na civilização*ⁱⁱⁱ de Freud, publicada em 1930. Não se trata aqui de uma tentativa de reduzir a complexidade das personagens literárias à interpretação psicanalítica, tampouco analisar psicologicamente o autor da obra. Acreditamos que o fenômeno artístico possui uma relativa autonomia, que lhe garante certa lógica imanente impossível de ser subsumida a interpretações exclusivistas. Sem pretendermos aprofundar-nos em questões estéticas que envolvem o estatuto e a especificidade da arte, concordamos com Antônio Cândido quando afirma:

Com efeito, sociólogos, psicólogos e outros manifestam às vezes intuítos imperialistas, tendo havido momentos em que julgaram poder explicar, apenas com os recursos de suas disciplinas, a totalidade do fenômeno artístico. Assim, problemas que desafiavam gerações de filósofos e críticos pareceram de repente facilmente solúveis, graças a um simplismo que não raro levou ao descrédito as orientações sociológicas e psicológicas, como instrumento de interpretação do fato literário. É inútil recordar, neste sentido, famosas reduções esquemáticas, que se poderiam reduzir a fórmulas, como: “Daí-me o meio e a raça, eu vos darei a obra”; ou: “Sendo o talento e o gênio formas especiais de desequilíbrio, a obra constitui essencialmente um sintoma”, e assim por diante. (2000:17).

Partindo destes pressupostos, nossa intenção é apresentar o personagem central da obra literária supracitada como uma figura metafórica da teorização freudiana a respeito do homem e da civilização, não esperando como resultado uma “psicanalização” da literatura, mas quem sabe a “literalização” da psicanálise, sem no entanto, subordinar estes dois campos, literatura e psicanálise, um ao outro. Não esperamos também esgotar as possibilidades em torno do tema, deixando o trabalho em aberto para outras considerações. Tal como em um ensaio, não pretendemos terminar este escrito onde nada mais reste a dizer, e sim onde sintamos que ele tenha chegado ao fim (ADORNO, 2003: 17).

Um pouco de *mal-estar*.

Em 1930 Freud publica *O mal-estar na civilização*, obra na qual discorre sobre a incompatibilidade entre felicidade e vida civilizada, já que a última pressupõe o recalque pulsional e a submissão do princípio do prazer ao princípio de realidade, ou seja, “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1997:72). A civilização constituiria-se desta forma à partir da renúncia pulsional,

necessária para a vida em comum e que jamais será aceita plenamente no inconsciente dos homens.

Freud articula o mal-estar em dois níveis. O primeiro refere-se à renúncia pulsional imposta ao homem pela vida civilizada. O segundo à algo que é intrínseco à todo homem, uma tendência ao retorno ao inorgânico, a pulsão de morte, que ao lado de Eros, governa a humanidade. A vida do homem seria então uma intrincação entre pulsão de vida e pulsão de morte (REY-FLAUD, 2002:41).

De acordo com Freud, todo indivíduo é um inimigo virtual da civilização (FREUD, 1997: 11), dada a tensão entre as exigências pulsionais e as exigências da vida civilizada. Desta forma, Freud rompe com a idéia romântica de que o homem é naturalmente bom, sendo corrompido pela sociedade. Suas elucubrações nos levam a perceber que todo ser humano é bom na medida em que é mau, e que a agressividade lhe é intrínseca:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade (FREUD, 1997:67).

A agressividade que constituiria no homem uma “disposição instintiva original e auto-subsistente” (FREUD, 1997:81) se coloca contra o programa civilizacional, que está a serviço de Eros, “cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade” (1997:81). Segundo Freud “esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante da pulsão de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo” (1997:81).

O próprio ideal de amar ao próximo como a si mesmo, de acordo com as considerações freudianas, deve ser entendido como uma forma de controle sobre as pulsões agressivas. Também a hostilidade que certos grupos nutrem por outros, denominado por Freud de “narcisismo das pequenas diferenças”, seria uma forma de dirigir ao meio externo a agressividade contida nos indivíduos. Basta pensarmos na histórica perseguição ao povo judeu, na Guerra Fria e a mútua hostilidade entre países capitalistas e comunistas ou mesmo na luta do Eixo do Bem, liderado pelos Estados Unidos, contra o Eixo do Mal. Alias, basta pensarmos que

apesar de todo o progresso efetuado pela civilização, algo tão bárbaro quanto os conflitos e guerras persistem^{iv}.

Estas considerações gerais em torno d'*O mal-estar na civilização* não trazem a profundidade e complexidade da teorização freudiana. Servem apenas como porta de entrada à nossa proposta, àquela de aproximação entre literatura e psicanálise. Assim os convido não a entender a obra *O médico e o monstro* através da psicanálise, mas sim a sentir a psicanálise através da obra literária.

O mal-estar de Dr. Jekyll.

A obra *O médico e o monstro* de R. L. Stevenson conta a trágica história de Dr. Jekyll, de forma a antecipar algumas considerações realizadas por Freud, o que não nos causa espanto, afinal tornou-se lugar comum pensar que o artista se antecipa aos grandes pensadores através de suas criações artísticas, desvelando aquilo que ainda não foi teorizado. O próprio Freud afirma que

[...] os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (1976:18)

A história de Stevenson desenrola-se na Londres do século XIX. Mr. Utterson, um advogado bem posicionado na sociedade londrina, encontra-se com um enigma nas mãos: o testamento de seu velho amigo Dr. Henry Jekyll, médico, doutor em Direito Civil e membro da Sociedade Real, descrito como “uma daquelas pessoas que praticam aquilo que se costuma chamar de Bem” (Stevenson, 2002:21). Este testamento concede plenos poderes, em caso de morte, e o mais intrigante, em caso de desaparecimento ou ausência não explicada, a um tal Edward Hyde, homem que, nas poucas aparições até então, despertara horror e repugnância em todos aqueles que cruzaram seu caminho. Mr. Hyde é descrito como a encarnação física do mal. De estatura pequena e com alguma deformidade a qual ninguém é capaz de localizar e descrever:

Há algo de errado com sua aparência, alguma coisa desagradável, alguma coisa realmente detestável. Nunca vi nenhum outro homem a quem detestasse tanto, e devo confessar que não saberia dizer o por quê. Ele deve ter uma deformidade em algum lugar do corpo, embora não consiga especificar em que ponto. É um homem de aparência extraordinária e, no entanto, não posso apontar nele nada que seja fora do comum. (STEVENSON, 2002:23).

Esta é a descrição realizada por uma pessoa que testemunhou o “monstro” a pisotear uma criança, e revela que em tal situação não foi o único a sentir-se “enojado pelo desejo de matá-lo” (STEVENSON, 2002:21). No entanto, pisotear uma menininha não foi o único feito de Mr. Hyde. Em outra ocasião, ele pisoteia e agride com sua bengala um senhor até a morte. A testemunha deste crime descreve o assassino como “particularmente pequeno e de aparência particularmente má” (STEVENSON, 2002:45). A inquietação de Mr. Utterson em estabelecer uma ligação entre o bondoso e respeitável Dr. Jekyll e o malévolo Mr. Hyde torna-se a inquietação do leitor. E ao final da história vem à tona a surpreendente e aterrorizante revelação: Dr. Jekyll e Mr. Hyde eram a mesma pessoa.

Por uma questão de objetividade optamos por não detalhar toda a narrativa, esperando dessa forma despertar a curiosidade do leitor em realizar sua própria leitura. Para nossas considerações nos concentraremos no último capítulo do livro, *O relato do Dr. Jekyll*, pois em nosso entender ele contém todos os elementos necessários aos objetivos desse trabalho. No referido capítulo, o médico revela ao leitor que através de experiências científicas conseguiu o extraordinário feito de dissociar as partes que compunham seu ser. O mais interessante, do ponto de vista da psicanálise, é a consciência que ele tem a respeito da condição humana. Apesar de bondoso não esconde de si mesmo uma inclinação àquilo que chama de prazeres vis. Revela que, em decorrência de suas aspirações sociais sentiu-se compelido a sufocar seus prazeres, reconhecendo que estes não foram extintos, persistindo em sua natureza:

Foi antes a natureza exata das minhas aspirações, do que qualquer degradação nas minhas culpas, o que me levou a ser quem eu era e a ter uma vala mais profunda que a maioria dos homens separando, em mim, as regiões do bem e do mal, que dividem e compõe a natureza dual do homem. (STEVENSON, 2002:95-96).

A esta condição, da qual não se considera a única vítima, mas que em seu entender é inerente a todo ser humano, Dr. Jekyll descreve da seguinte forma:

A maldição do gênero humano foi a de que esses ramos incompatíveis ficassem fortemente amarrados um ao outro – que esses gêmeos polares vivessem em luta contínua no angustiado útero da consciência” (STEVENSON, 2002:97).^v

Sonha em dissociar suas duas partes, para que estas possam exercitar suas inclinações sem a interferência uma da outra, ou seja, deseja livrar-se do sentimento de culpa e de uma possível condenação social por seus atos. Através de uma poção, Dr. Jekyll liberta seu duplo, referindo-se a este como o lado mau de sua natureza: Mr. Hyde. Este é mais jovem, menor e

extremamente ágil, de passos leves, sendo que o médico conclui que isto se deva ao fato de que, durante sua vida até então, seu lado bom havia sido muito mais exercitado que o lado mau. E se por um lado a bondade estava estampada em seu rosto, seu duplo era a própria face do mal, causando horror, repulsa e desconforto a todos que encontrava. Isto porque, de acordo com Dr. Jekyll, “todos os seres humanos que encontramos são misturas do que é bom e do que é mau, e somente Edward Hyde, no gênero humano, era maldade pura” (STEVENSON, 2002:101). Notem que o feito do Dr. Jekyll foi o de libertar aquilo que estava recalcado em seu ser, sem que isto modificasse seu Eu enquanto Dr. Jekyll, ou seja, diferentemente do que pode parecer num primeiro momento, não houve uma separação entre bem e mal, e sim a libertação de pulsões agressivas há tanto recalcadas dentro do médico:

A droga não tinha uma ação predeterminada, não era diabólica nem divina; o que fez foi abalar as portas da prisão da minha índole e, como cativos de Phillipi, aquele que estava dentro correu para fora [...] por isso, embora eu tivesse agora o caráter dividido em dois, assim como duas aparências, um era completamente malévolo e o outro era ainda o velho Henry Jekyll, aquela combinação incongruente por cujas reformas e melhorias eu já desistira de esperar. (STEVENSON, 2002:102).

Após o “sucesso” de suas experiências, Dr. Jekyll toma todas as providências garantindo que, sob a forma de Hyde, tenha acesso a seus bens e livre trânsito por sua casa, não sem causar espanto em seus empregados, que não conseguem entender que tipo de ligação aquele homem poderia ter com um sujeito tão abjeto feito Hyde.

No entanto Dr. Jekyll não tarda a perceber que aqueles sentimentos e inclinações, os quais classificara como vis, eram inocentes se comparados às façanhas de Mr. Hyde. Fica claro para o leitor que o médico tinha consciência de que algumas de suas vontades eram impedidas pelas regras e moralidade da sociedade, daí perceber-se dividido em dois: um resignado à norma social e outro desejoso de transgredi-la. Todos nós experimentamos esse sentimento. Quem é aquele que não tem vontade de perpetrar certos atos e no entanto por medo, prudência e submissão às normas sociais ou à religião, deixa de lado este desejo, e que quando a este sucumbe vê-se atormentado pelo sentimento de culpa? Mas àquilo que ascende à consciência já fora modificado pelo Eu, de forma a atender às exigências do Supereu. No geral, mesmo o desejo mais baixo que habita nossa consciência desconhece a obscenidade e crueldade, do ponto de vista social, que seria posta em prática caso a pulsão que o representa apresentasse-se sem modificações à consciência.

Este contato com o mais íntimo de seu ser aterroriza Dr. Jekyll, que foge da culpa sob a idéia de que se trata de outra pessoa e não ele. No entanto o sentimento de culpa é evidente visto que sob a pele do bom médico, Dr. Jekyll tenta desfazer todo o mal cometido por Hyde em suas andanças.

E então a situação começa a lhe fugir ao controle. Se a princípio Dr. Jekyll necessita tomar a poção para transformar-se em Mr. Hyde, liberando assim seu duplo, com o passar do tempo, este duplo torna-se cada vez mais poderoso e a transformação involuntária. Em várias passagens, é Jekyll quem dorme, no entanto Hyde é quem acorda : “tudo, portanto, parecia apontar para a conclusão de que, pouco a pouco, eu estava perdendo controle sobre meu original e melhor eu, e tornando-me o segundo e pior” (SETEVENSON, 2002:108). Agora é Mr. Hyde que deve tomar as providências para tornar-se novamente Jekyll. O leitor pergunta-se: porque Hyde desejaria retornar à forma de Jekyll, aprisionando-se? Por precisar de segurança. Jekyll era para ele uma caverna, um esconderijo. Seu amor pela vida o levava a cometer estes pequenos suicídios para mantê-la. É este apego, esse amor desmesurado pela vida que nos leva a crer que Hyde não poderia ser, do ponto de vista psicanalítico, pura pulsão de morte. Isto porque de acordo com Freud, pulsão de vida e pulsão de morte “raramente – talvez nunca – aparecem isolados um do outro, mas [...] estão mutuamente mesclados em proporções variadas e muito diferentes” (1997:78).

Apesar de ações insensatas, aparentemente movidas por puro desejo, em vários momentos Hyde demonstra ter um Eu e de acordo com Dr. Jekyll “a criatura era astuta, dominava sua fúria com grande força de vontade” (STEVENSON, 2002: 116). cremos desta forma, que assim como Jekyll era uma personalidade, como ele mesmo descreve, incongruente, com sentimentos ambíguos, Hyde também o era, e nele havia algo de Jekyll: a inteligência, a esperteza, e nos momentos em que era necessária, a prudência. Sempre a serviço de seu desejo, Eros submetido à pulsão de morte.

Ao final Jekyll sucumbe e desaparece. Desesperado, Hyde comete suicídio. Como explicar isso? Procurado por um assassinato, Hyde sabia que seu destino seria a forca. Passa suas últimas horas tentando ressuscitar Jekyll para que nele possa esconder-se, porém Jekyll claramente desistiu da vida, é o primeiro a sucumbir à “tendência fundamental de todo ser vivo a retornar ao estado orgânico” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998:408). Apesar de seu apego à vida, Hyde termina por suicidar-se. Talvez a morte de Jekyll tenha minado completamente a

força de Eros e a pulsão de morte tenha tomado conta completamente deste ser, e seu ato de suicídio, aparentemente desesperado, possa ter tido seu grau de prazer, de triunfo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz, 200; Publifolha, 2000.

FREUD, S. *Sonhos e delírios na Gradiva de Jensen*. Obras completas vol. IX. Rio de Janeiro: Imago editora, 1976.

_____ *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1997.

_____ *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1997a.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STEVENSON, L.R. *O médico e o monstro*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ⁱ Psicóloga graduada pela UNESP, pós-graduada em Saúde Mental pela UNICAMP, especialista em Saúde do Trabalhador pela FIOCRUZ, psicóloga do Centro Regional de Referência em Saúde do Trabalhador de Dourados/CEREST, analista praticante membro do Fórum Campo Lacaniano do Mato Grosso do Sul.

ⁱⁱ No original em inglês *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*.

ⁱⁱⁱ Em alemão, *Das unbehagen in der Kultur*, cuja tradução literal seria “O mal-estar na cultura”. No entanto gostaríamos de pontuar que o próprio Freud não faz uma distinção entre os termos cultura (*Kultur*) e civilização (*Zivilisation*). Segundo ele, com a expressão “civilização humana [...] quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização [...]”. (1997a, p.10).

^{iv} Cf. FREUD, S. *Por que a Guerra*. In: Pequena coleção das obras de Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

^v É importante pontuar que a narrativa desenrola-se no século XIX, e Dr. Jekyll é o que poderíamos chamar de “homem das luzes”, fruto de uma época onde a Razão fora elevada a juiz das ações humanas. Daí sua consciência em relação à condição humana que, no entanto, se mostrará ingênua no desenrolar da narrativa, por desconsiderar algo intrínseco ao homem: o inconsciente. A percepção de que o inconsciente guarda elementos desconhecidos da consciência e que a manifestação das pulsões sem o prévio controle do Eu pode ser catastrófica do ponto de vista civilizacional chega tarde demais à Dr. Jekyll, como veremos a seguir. A imagem do cientista que libera forças sobre as quais não tem domínio é comum no século XIX, talvez como negação determinada da Razão como central na conduta humana. Nesta perspectiva a onipotência de Jekyll e o decorrente descontrole sobre as forças que libera, podem ser entendidas, ao lado do *Frankstein* de Mary Sheley, como uma crítica ao racionalismo.